

O jornal “O movimento” ajudando a escrever a história da educação em Pirassununga (1934-1945)

“O movimento” newspaper helping to write the Pirassununga education history (1934-1945)

Sandra Herszkowicz Frankfurt

Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. franksan@uol.com.br

Este trabalho é parte da dissertação de Mestrado, intitulada *As práticas das festas escolares na Escola Normal de Pirassununga (1930-1950)*¹. Neste texto, privilegia-se a análise de como o Jornal “O Movimento”, no período citado, ajudou a escrever a História da Educação da Escola Normal de Pirassununga, especialmente no que diz respeito às festas escolares. Adota-se para a eleição e a análise dessa fonte as perspectivas da História Cultural da escola e dos saberes pedagógicos, cujo núcleo das investigações está em torno de um campo de questões relativas ao processo de institucionalização da escola primária no Brasil, analisando dispositivos que, na sua materialidade, dão a ver modelos de conformação escolar das práticas educativas e busca determinar a especificidade das apropriações de tais modelos no processo de constituição da escola primária no Brasil (Carvalho, & Toledo, 2004). Os interesses teóricos que norteiam essas investigações derivam de dois pressupostos: o de que o modelo escolar é produto de práticas de apropriação entendidas como práticas de transformação de matérias sociais específicas; e o de que os modelos pedagógicos são objetos culturais produzidos socialmente, devendo ser analisados em sua materialidade (Carvalho, & Toledo, 2004).

¹ Defendi a dissertação em 2007, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, da PUC-SP, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Rita de Almeida Toledo.

Como prática de transformação de matérias sociais, a apropriação supõe a situação particular em que os agentes dotados de competências específicas produzem um novo objeto, segundo procedimentos técnicos e regras de uma finalidade condicionada por uma posição. Afirma-se, assim, o pressuposto de que a história do processo de institucionalização da escola elementar no Brasil deve ser construída a partir de um questionário de investigação que traga à cena os atores nele envolvidos, para reconstituir a situação-problema com que se defrontaram, o repertório de modelos pedagógicos a que tiveram acesso, e os recursos culturais (individuais e sociais; intelectuais e materiais) com que puderam contar na apropriação que fizeram dos modelos (Carvalho, & Toledo, 2004).

O conceito de apropriação, como tática que subverte dispositivos de modelização, é tomado de Certeau (1994), que põe em cena um hiato entre os usos e suas prescrições. O hiato evidencia a complexidade da relação entre modelos pedagógicos e seus usos e está no cerne de uma História Cultural das práticas e dos saberes pedagógicos. O conceito supõe o de estratégia, também tomado de Certeau (1994), que remete a práticas cujo exercício pressupõe um lugar de poder, e designa dispositivos de normatização e modelização que, desse lugar de poder em que são produzidos, regulam práticas que se inscrevem em um território que lhes é exterior. Falar de práticas de apropriação é falar de uma matéria dessa apropriação e de operações de transformação dessa matéria que põem em cena práticas de seleção de um agente que, dotado de disposições, expectativas e competências, faz uso do repertório cultural a que tem acesso em uma situação determinada (Certeau, 1994; Chartier, 1990, 1994, Carvalho, 2004).

Com esse referencial teórico, objetiva-se mapear práticas e processos de produção, difusão e uso de modelos pedagógicos que põem em circulação desenhos institucionais da escola elementar. Investigam-se práticas de produção desse modelo escolar, pondo em cena os atores dessas práticas, configurando situações de produção, uso e difusão.

A opção por considerar o jornal “O Movimento” como fonte para esta pesquisa deve-se ao fato de que nele é possível encontrar vestígios das práticas investigadas, além de se constituir um veículo de difusão dessas práticas. O jornal “O Movimento” foi uma publicação encontrada em circulação na cidade de Pirassununga até o período em que foi concluída a pesquisa de mestrado, no ano de 2007, sempre com publicações semanais, mantendo essa periodicidade até

os dias atuais. No entanto, na pesquisa, foram analisados os números a partir de 1934, período inicial dos exemplares disponíveis para consulta, a 1942, quando as referências às festas escolares, tema do trabalho, diminuem, desaparecendo, por completo, a partir de 1945.

Mas, para tomar o jornal como fonte e fazer dele uma abordagem adequada, como adverte Capelato (*apud* Bontempi Jr., 2001), é preciso primeiramente formular perguntas a respeito da representação da realidade criada pelo jornal. Essa consideração permite pensar que as informações disponíveis no jornal nem sempre são relatos fiéis da realidade, mas representações criadas a partir dos mais diversos interesses defendidos por aqueles que dirigem o periódico.

Nesse sentido, não se pode tomar o jornal como uma expressão imparcial da realidade, mas como um instrumento que não só a explicita, mas a constrói a partir de princípios, interesses e ênfases que não se mantêm intactos ao longo do tempo. Ao contrário, reformula a realidade, deixando entrever as condições de produção, os objetivos focados ou abandonados, mas que sempre apontam para as representações que se têm ou que se intenta construir sobre um determinado evento.

O jornal “O Movimento” foi fundado por Felipe Malaman, homem de reconhecido prestígio social, dirigiu o jornal de 1934 a 1958, quando passou a direção a um grupo de quatro intelectuais da cidade. Em 1964, passou a compor a sociedade o Sr. Daniel Caetano do Carmo, que fez questão de lembrar em entrevista concedida para a pesquisa de mestrado, que ingressou na sociedade no dia 31 de março de 1964, *dia em que arreventou a revolução*. E, essa declaração demonstra a parcialidade da direção do jornal aos fatos políticos em curso.

Por ter consciência do papel desempenhado pelo jornal, optou-se por tomá-lo como fonte, pois, a partir dele, o objetivo é verificar de que forma as práticas eram representadas por um meio de circulação de informações e qual era a ênfase que se dava a essas práticas.

Como já foi apontado, os exemplares do jornal “O Movimento” estão disponíveis a partir de 1934. Neles, são encontrados registros, à vezes, detalhados, das festividades escolares ocorridas em Pirassununga, expondo sua importância e significado, o que justifica a opção por utilizá-lo como fonte para esta pesquisa.

Segundo as descrições nesse jornal, as festas escolares, sobretudo as que tinham um caráter social, aconteciam no salão nobre da Escola Normal, com *toda pompa e gala* que a ocasião merecia. Observa-se que as festividades dessa instituição apareciam nesse jornal, de 1934 a 1937, com grande destaque, apresentadas sempre nas primeiras páginas, com grandes chamadas, em títulos com letras maiúsculas. A ênfase dada às comemorações da referida Escola demonstra que elas tinham um valor que transcendia o caráter escolar e que envolviam toda a sociedade local. Após esse período, especificamente de 1938 a 1945, as referências às festividades escolares, no jornal “O Movimento”, começam a diminuir, aparecendo apenas pequenas notas, com chamadas para comemorações específicas da Escola Normal.

Não se pode perder de vista que a presença e a diminuição das notícias sobre as festas escolares, em Pirassununga, nas páginas de “O Movimento” coincidem com o período de ascensão e queda do Estado Novo no Brasil. No entanto, não se pode pensar em uma coincidência gratuita, sobretudo por saber ser o jornal um instrumento importante na transmissão de valores e na formação de uma opinião pública. Ou seja, pode-se afirmar que o jornal servia como um instrumento de instituição da memória coletiva (cf. Le Goff, 2003), demarcando a importância dos eventos que eram e que não eram importantes para a sociedade, exercendo, assim, o seu lugar de poder e de memória, lugar de didatização das atitudes civilizadas, ou seja, o jornal apresentava-se como um instrumento para veiculação das estratégias de conformação social.

O jornal, como estratégia para conformação social, servia como um suporte material de constituição da memória, pois, como afirma Catroga (2001, p. 23),

A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias centradas em reavivamentos que só os *traços-vestígios* do que não existe são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável, não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objectivação – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que reproduzem e transmitem: o que mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memória.

Assim, pode-se afirmar que o jornal funciona como uma estratégia de conformação social, como suporte material à constituição da memória, de modo que não se pode deixar de considerar as possíveis vinculações do jornal com os interesses políticos.

De 1934 a 1939, o jornal, de seis páginas, dedicava, nas primeiras páginas, pelo menos, dois artigos genéricos sobre educação. Nesses anos, o jornal sempre publicava artigos com a explicação das datas cívicas do mês, como: Tiradentes, em abril; Dia do Trabalho, em maio; Dia do Soldado, em agosto; Dia da Pátria, em setembro; Dia da Proclamação da República e Dia da Bandeira, em novembro. Depois do artigo explicativo de primeira página, apresentava-se, na segunda ou terceira página, um artigo descrevendo a participação da Escola Normal nas comemorações das diferentes datas.

De 1939 até o final de 1941, “O Movimento” passa a ter oito páginas e assume características diferentes. Os artigos genéricos sobre educação, que antes eram dois, passam para um. As datas cívicas são registradas, porém, mais resumidamente, o que também se aplicava às notas sobre as comemorações na Escola Normal da cidade. O que o jornal não deixa de anunciar, sempre com bastante ênfase, eram os dias da formatura dos normalistas e o dia 6 de agosto, aniversário da cidade.

Assim, pode-se destacar que, de 1934 a 1941, a Escola Normal de Pirassununga é retratada com mais ênfase em “O Movimento”, já que os acontecimentos sociais e políticos estavam vinculados à vida escolar, o que demonstra que, nesse período, a Escola exerceu uma presença marcante no cotidiano da cidade, sendo tanto a Escola Normal quanto o jornal “O Movimento” utilizados como estratégias de conformação social.

No entanto, apesar da diminuição de referências às festividades da Escola Normal, verifica-se a manutenção de anúncios de pequenas chamadas sobre a reabertura de aulas, visita da Escola Normal de Rio Claro à Escola Normal de Pirassununga e sobre as festas cívicas comemoradas dentro da escola.

No dia 13 de julho de 1941, um artigo de primeira página, intitulado *Em festas a Escola Normal*, chama a atenção. Esse artigo traz, “com orgulho”, o programa das festas a serem realizadas na escola em comemoração ao trigésimo aniversário da instituição. Como se pode observar no trecho abaixo, são lembrados os antigos diretores, professores e ex-alunos, como é o caso de Manuel Lourenço Filho²:

² Catedrático de Psicologia Educacional na Universidade do Brasil; membro da *Société Française de Psychologie*; da *Association Internationale de Psychotechnique*; da *American Educational Research Association*; da *American Statistical Association*, etc. (Cf. Lourenço Filho, 1955). Foi ainda fundador e diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), com uma longa lista de publicações de livros e em vários periódicos sobre educação,

... é com admiração, repassada de orgulho mui legítimo, que vemos brilhar no cenário pedagógico do país, refulgindo com o astro de primeira grandeza, Lourenço Filho que ostenta entre seus títulos de glória um diploma de professor normalista fornecido pela Escola Normal de Pirassununga (Jornal "O Movimento").

Como já foi destacado, após análise dos exemplares do jornal "O Movimento" sem concorrente com o qual se pudesse comparar até o ano de 1950, nota-se, a partir do início dos anos de 1942, um rareamento de artigos genéricos sobre educação, sobre a Escola Normal e sobre as festividades que nela ocorriam.

Por hipótese, pode-se afirmar que isso se devia ao fato de que, com o crescimento da cidade, novos estabelecimentos comerciais apareceram, com outros fatos ganhando importância, ocasionando a diminuição na ênfase sobre a Escola Normal e sobre a educação. Porém, um destaque mantido pelo jornal diz respeito às festas de formatura dos normalistas e o dia do aniversário da cidade. Os artigos sobre a Escola Normal continuavam existindo, mas sob a forma de notas, avisando os alunos sobre dias de matrículas, transferências, reabertura de aulas, uniformes etc. Já as datas cívicas, a partir de então, figuravam sob a forma de pequenas poesias num cantinho do jornal.

Constatar que, embora haja uma diminuição de referências sobre as festividades na Escola Normal não significa o desaparecimento dessas referências, possibilita perguntar que lugar social ocupava a Escola Normal de Pirassununga para a sociedade local?

Pode-se afirmar que as escolas normais, embora em proporções menores que as Faculdades de Direito e Medicina, atuavam como centros aglutinadores de uma elite intelectual, sobretudo para aqueles que não podiam fazer um curso superior.

especialmente, na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), fundada por ele em 1944. Segundo Gandini (1995), Lourenço Filho formou-se em 1917, em São Paulo, tendo começado a trajetória profissional e política em Porto Ferreira como professor de escola primária, continuando depois na cadeira de psicologia na Escola Normal de Piracicaba. Em 1920, tornou-se professor de psicologia na Escola Normal em São Paulo, onde foi colega de Fernando de Azevedo, que lecionava sociologia. Foi exercendo o cargo de Diretor da Instrução Pública do Ceará que ele conseguiu projeção no cenário nacional. Foi ainda diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, diretor da Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal, onde também exerceu o cargo de vice-reitor. De 29 de novembro de 1930 a 11 de março de 1931, foi Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo, durante o Governo Provisório. Em 1932, assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação, no Rio de Janeiro. Além desses cargos, exerceu vários outros de destacado lugar no cenário educacional brasileiro. No entanto, o que Gandini (1995, p. 103) não informa é que Lourenço Filho, "uma personalidade importantíssima, responsável por inúmeras iniciativas e realizações", que exerceu "muita influência nos rumos que a educação brasileira tomou após a revolução de 1930", diplomou-se Professor Normalista pela Escola Normal de Pirassununga, em 1913.

Localizadas nas cidades, atuavam como formadoras de civilidade, de instrumentos de distinção social. Como afirma Carvalho (1989, p. 65), “quando a escola adaptada ao meio urbano, era comum a expectativa de que viesse combater, ou pelo menos atenuar em seus efeitos morais, essa vida tumultuada, corrosiva, a vida de prazeres, com os recursos oferecidos pela moderna pedagogia”.

Nesse sentido, a Escola Normal de Pirassununga atuava como um lugar formador de indivíduos distintos na sociedade local, por transmitir valores e inculcar condutas necessárias à própria vida em comunidade. Para isso, as festas escolares serviam efetivamente, já que, além de inculcar valores na comunidade escolar (estudantes, professores, corpo dirigente da escola), avançavam para além dos muros da escola, invadindo casas, lares, famílias, homogeneizando valores a fim de conferir à comunidade o sentimento de nação. Compartilhar da vida escolar, participar das festas escolares, no que se pode chamar de período de ouro das escolas normais brasileiras, era ser partícipe de uma elite intelectual da cidade, cujas ações (práticas) denotavam distinção. A localização dessas escolas normais em centros urbanos apontava para o progresso, para o porvir, para um futuro promissor na inserção social, o que justifica a presença nas páginas dos jornais, em especial do jornal analisado, “O Movimento”.

No caso específico da Escola Normal de Pirassununga, as práticas festivas eram diferentes, pois cada uma apontava para um tipo de comportamento a ser inculcado. Nesse sentido, pode-se afirmar que a escola, e especialmente as festas escolares, atuam como um motor do processo civilizador, formadoras de hábitos e costumes.

No que diz respeito às festas escolares, no jornal “O Movimento” foram encontrados registros de várias festividades que aconteciam na Escola Normal de Pirassununga, organizadas no Quadro 1.

QUADRO 1 - FESTAS DA ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA EM “O MOVIMENTO”

MÊS	COMEMORAÇÃO
ABRIL	14 Pan-americano
	19 Aniversário de Getúlio Vargas
AGOSTO	06 Aniversário da cidade de Pirassununga
SETEMBRO	- Concurso da rainha dos estudantes da Escola Normal de Pirassununga
NOVEMBRO	- Festa de formatura dos normalistas da Escola Normal de Pirassununga
	- Festa da Chave
	- Festa de exposição dos trabalhos manuais dos alunos da Escola Normal de Pirassununga

Fonte: Jornal “O Movimento”

Deve-se destacar que o registro encontrado em “O Movimento” das festas que aconteciam na Escola Normal de Pirassununga nem sempre estava de acordo com as prescrições legais, o que confirma a premissa de que entre as prescrições legais e realização prática dessas prescrições há distâncias consideráveis, ou seja, entre as estratégias e as táticas está a apropriação que impõe hiatos entre os usos e as prescrições. Exemplo disso eram as comemorações do Dia Pan-Americano.

No que diz respeito aos festejos do Dia Pan-americano, embora essa comemoração tenha sido prevista em Lei, mais precisamente, pelo Decreto Federal nº 19.685, de 10 de fevereiro de 1931, o que faz esperar que ela acontecesse já em abril próximo, observa-se, pelas fontes consultadas, que só há vestígios dessa comemoração a partir de 1938, quando sai uma nota no jornal “O Movimento” sobre a referida festividade.

No que se refere especificamente à comemoração do Dia Pan-americano, observa-se que, nesse jornal, no período analisado, foram feitas duas alusões à data: no ano de 1938 e no ano de 1944. No entanto, pelas informações dispostas, percebe-se um teor diferenciado no que concerne à comemoração.

No ano de 1938, o programa levado a efeito foi o seguinte: a) abertura da sessão com o hino nacional; b) música com uma banda de jazz; c) declamações de poesias por alunos e professores da Escola Normal de Pirassununga; d) canto das normalistas; e) discurso de uma aluna do Ginásio; f) declamação de poesias por duas professoras da Escola Normal de Pirassununga; g) encerramento com um baile para os normalistas no salão nobre da Escola Normal de Pirassununga.

Em abril de 1944, o Dia Pan-americano foi comemorado de forma muito diferente: foi organizado pela Prefeitura Municipal e pelo Centro Municipal da Legião Brasileira de Assistência (L.B.A), na sede desta. A festa teve início às 19 horas, com a presença de autoridades locais, membros da L.B.A., jornalistas e professores da Escola Normal. No jornal, informa-se que o representante do Prefeito Municipal fez um pequeno discurso, falando sobre a finalidade da comemoração. A palavra foi passada, em seguida, ao orador da noite, um distinto advogado da cidade, que palestrou por uma hora, sendo, segundo o jornal “O Movimento” (1944, abril, p. 4), “aplaudido efusivamente por todos ao final”.

O que se observa, com a análise das informações disponíveis sobre a comemoração do Dia Pan-americano, é que, no ano de 1938, quando a festa aconteceu na Escola Normal de Pirassununga, havia um tom mais solene, ilustre

e social, porém sem perder o caráter pedagógico, que se pudesse esperar de uma festividade escolar. Verifica-se que, além da participação ativa dos normalistas, a escola se abria para a participação de estudantes de outras escolas, a exemplo do Grupo Escolar local, denominado Grupo Escolar “Tenente Coronel Manuel Franco da Silveira”, conferindo a palavra a um estudante como representante dos estudantes externos. O caráter social do evento é explicitado pelo encerramento, com um baile, um exemplo de acontecimento para o qual a cidade se voltava, para o qual todos eram mobilizados a participar.

Já no ano de 1944, o que se observa é que a comemoração não mais estava sob a responsabilidade da Escola Normal de Pirassununga, mas da Prefeitura e da L.B.A. (Legião Brasileira de Assistência). A mudança de comando da comemoração conferia ao evento um caráter ainda mais cívico. Provavelmente, isso se deva à aliança do Brasil com os Estados Unidos da América quando da participação na II Guerra Mundial. Observa-se também que, embora a festividade tivesse mudado de responsável, não foi excluída a participação do público da Escola Normal da cidade, o que impõe pensar que o corpo discente, docente e administrativo da Escola Normal de Pirassununga era formado por pessoas que figuravam com grande prestígio social na cidade. No entanto, no jornal “O Movimento” fica claro que, com a saída da comemoração do ambiente da Escola Normal de Pirassununga, o caráter social da festa tornou-se diminuto.

Uma outra festa que apresenta a participação dos normalistas e que figura nas páginas de “O Movimento” diz respeito à comemoração do aniversário da cidade (6 de agosto), sobre a qual há extensos artigos.

Observa-se que, em geral, a festa era organizada pela prefeitura, para a qual eram convidadas personalidades ilustres, realizada missa e encerramento com banda de música em frente à Escola Normal.

Deve-se destacar que a comemoração do aniversário da cidade coincidia com a comemoração do dia do Padroeiro – “São Bom Jesus dos Aflitos”, demonstrando uma união entre as questões políticas e religiosas e, pelo que se percebe nas matérias publicadas em “O Movimento”, essa data mobilizava não só a cidade de Pirassununga, mas as localidades vizinhas.

Em 1938, o Jornal “O Movimento” informava:

Esteve reunida, ante-ontem, na Prefeitura Municipal, a Comissão promotora das festas assinalativas do 115º aniversário da fundação de Pirassununga.

O programa, a exemplo dos anos anteriores, será quase o mesmo:

1ª parte:

- 6 h – Alvorada pela Banda de Clarins do 2º R.C.D.
- 8 h – Missa Campal
- 9 h – Corrida pedestre percurso total de 32,50 metros
- 9,15 h – 1º circuito cyclístico de Pirassununga – 7.500 metros

2ª parte (campo do C.A.P.)

- 15,30 h – Partida de Bola ao Cesto entre duas turmas femininas
- 16 h – Partida de Futebol

3ª parte:

- 18 h – Retreta no coreto do jardim pela banda da Corporação Musical Pirassununguense
- 19:30 h – “Te-Deum” em ação de graças rezado na Matriz
- 20 h – Sessão solene comemorativa na Escola Normal
- 22 h – Encerramento dos festejos com grandes bailes nos Clubes da cidade (Jornal “O Movimento”, 1938)

Em 6 de agosto de 1940, o jornal repete: “O programa, a exemplo dos anos anteriores será o mesmo. Apenas com a exclusão da corrida ciclística” (Jornal “O Movimento”, 1940).

De 1940 a 1945, o roteiro da festa continuava o mesmo. O que se acrescentavam eram os prêmios que os participantes das corridas, quer de pedestres quer de ciclistas (que só foi retirada no ano de 1940) ganhavam. No Jornal, afirmava-se que, para os primeiros lugares, relógios cromados eram doados pela Prefeitura e os segundos e terceiros lugares recebiam prêmios dos comerciantes locais.

Observa-se, pelo destaque que a imprensa local conferia à festa do padroeiro e ao aniversário da cidade, que se tratava de uma das datas mais importantes comemorações do calendário de Pirassununga. Essa data, embora não constasse no calendário nacional, não poderia deixar de fazer parte do calendário das festas escolares da Escola Normal da cidade, pois, considerando que a participação em festas consistia na ocupação de espaços privilegiados na conformação social, haja vista serem as festas importantes estratégias que visavam a essa finalidade, não se poderia esperar, por um lado, que a Escola Normal da cidade ou o jornal de circulação local se mostrassem alheios a esses momentos. Por outro lado, a articulação tanto da Escola Normal quanto do Jornal “O Movimento” com esses movimentos demonstram o quanto serviam como estratégias na conformação social.

Pela análise da programação tornada pública no jornal “O Movimento”, que ia das atividades políticas à religiosa, das esportivas às educativas, e à estritamente festiva, percebe-se que cabia à Escola Normal de Pirassununga a programação solene. O que seria essa programação em meio a tantas atividades? Teria um caráter pedagógico? Social? Se social, em que se diferenciava das demais? Ou seja, que lugar ocupava a Escola Normal de Pirassununga na festa mais importante da cidade?

Verifica-se que a sessão solene representava a atividade propriamente educativa. Observa-se que, no ano de 1938, a sessão solene, como informado no Jornal “O Movimento”, apresentava a seguinte programação:

- 1 - Discurso sobre a fundação de Pirassununga – aluno
- 2 - Poesia recitada por uma aluna
- 3 - Palestra sobre o valor do Cinema Educativo
- 4 - Projeção de filmes educativos.

A própria definição de “sessão solene” diferencia-se das demais, porque não se confundia com a programação religiosa, nem com as demais atividades em que o caráter político estava associado, a exemplo da programação esportiva ou estritamente festiva, como os bailes em diversos clubes da cidade, ou seja, para diversos públicos. No entanto, não se pode dizer que a “sessão solene” estava imune à ação política, mas que ia além disso. Pela programação realizada na Escola, pode-se dizer que se tratava de um lugar que aglutinava tanto um público da política, quanto da sociedade, religiosa e intelectual.

A análise da prática da participação da Escola Normal de Pirassununga nas comemorações do aniversário da cidade demonstra o lugar que essa instituição de ensino na sociedade local. Como se pode perceber, esse lugar ia além do caráter pedagógico destinado a uma escola à qual cabia formar professores. Ou melhor, com essas festividades, a Escola Normal “pedagogizava” as relações e os eventos sociais e políticos da cidade ao mesmo tempo em que destacava o sucesso escolar de seus discentes.

Essa “pedagogização” dos eventos sociais e políticos tem a ver com o que Carvalho (1989) denominou “pedagogia do espetáculo”. Segundo essa autora,

a eficiência pedagógica das comemorações festivas escolares era, no círculo educacional, a razão de existência de tais práticas, uma vez que, na esteira de Gustavo Le Bon, entendia-se a educação como um mecanismo de fazer passar atos do domínio do consciente para o inconsciente. (Carvalho, 1989, p. 76-77).

E, citando Lourenço Filho, a autora acrescenta que “as simples comemorações, as festas só valem pelo caráter educativo de que se revistam, isto é, pela influência que possam ter sobre a alma infantil, antes de tudo, e pela influência que possam ter sobre o meio social em que funcionar a escola” (Lourenço Filho, *apud* Carvalho, 1989, p. 77). E, nesse processo de “pedagogização” social liderado pela Escola Normal, o jornal “O Movimento” figurava como um importante aliado. E, para não deixar dúvidas de que o jornal “O Movimento” figurava como uma estratégia para a conformação social, vale observar um exemplar que, além de fazer referências às festas na Escola Normal de Pirassununga, veicula posições favoráveis ao nazismo.



Jornal “O Movimento”, 13 de junho de 1941, nº 351.

Resumo: Neste texto, é analisado o papel do jornal “O Movimento” como instrumento de circulação das práticas das festas escolares realizadas na Escola Normal de Pirassununga entre 1934 e 1945, período em que há disponível o primeiro e o último registro com informações sobre o tema pesquisado. Deve-se destacar que o jornal “O Movimento” é um periódico de circulação local até os dias atuais. Objetiva-se analisar o espaço ocupado pela Escola, bem como as festividades e os eventos dos quais ela fez parte, nas páginas deste jornal. Consideram-se as festas escolares importantes veículos de propaganda e “pedagogização” da cultura republicana na sociedade pirassununguense. Constata-se que o jornal, ao evidenciar a participação da Escola Normal em comemorações ou a realização destas festividades, além de dar a ver as práticas escolares realizadas, configurou-se em um importante aliado nesta “pedagogização” social.

Palavras-chave: Escola Normal de Pirassununga; festas escolares; jornal.

Abstract: *In this text is analyzed the paper of the newspaper “The Movement” as circulation instrument of the practices of the school parties accomplished at Normal School of Pirassununga between 1934 and 1945, period in which has available the first and the last record with information on the searched theme. It should be highlighted that the newspaper “The Movement” is a periodical of local circulation until current days. It analyzes the space used by School, as well as the festivities and the events of which she made part, in the pages of this newspaper. They consider the importance of the school parties as propaganda vehicles and “pedagogização” of the republican culture in the pirassununguense society. It verifies that the newspaper, when evidencing the participation of the Normal School in commemorations or the accomplishment of these festivities, besides permitting to see the accomplished school practices, it configured in an important ally in this social “pedagogização”*

Keywords: Normal School of Pirassununga; school parties; newspaper.

Referências

Fontes Primárias:

Jornal “O Movimento”, edições de 1934 a 1945.

Fontes secundárias:

BONTEMPI JR., Bruno. 2001. *A cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos de 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*. Tese de Doutorado, Programa de Educação: História e Filosofia da Educação, PUC-SP.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. 1989. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Col. Tudo é História).

_____. Marta Maria Chagas de, TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2004. *A constituição da “forma escolar” no Brasil: produção, circulação e apropriação de modelos pedagógicos*, disponível em www.pucsp/pos/ehps/pesquisa, 30 de setembro.

CATROGA, Fernando. 2001. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto.

CERTEAU, Michel. 1994. *A invenção do cotidiano. A arte de fazer*. Petrópolis: Vozes.

CHARTIER, Roger. 1990. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

- CHARTIER, Roger. 1994. Historia y prácticas culturales. Entrevista a Roger Chartier, por Noemí Goldman e Leonor Arfuch. In: *Entrepasados: Revista de História*. Buenos Aires, vol. 34, nº 135.
- FRANKFURT, Sandra H. 2007. *As práticas das festas escolares na Escola Normal de Pirassununga (1930-1950)*. Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP).
- GADINI, Raquel. 1995. *Intelectuais, Estado e Educação: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1952)*. Campinas: Editora da Unicamp.
- LE GOFF, Jacques. 2003. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5ª ed.. Campinas: Editora da Unicamp.

Recebido em abril de 2010

Aprovado em junho de 2010